

**PÓS-COLONIALISMO: O SABER LOCAL E AS RELAÇÕES DE PODER NA OBRA  
"NOS HAN DADO LA TIERRA" DE JUAN RULFO****POST-COLONIALIS: LOCAL KNOWLEDGE AND POWER RELATIONS IN TALE  
"THE LAND THAT US GAVE " OF JUAN RULFO**

Job Lopes<sup>1</sup>  
Alan Santos<sup>2</sup>

**RESUMO:** A teoria pós-colonial estrutura sua ótica partindo da cultura das sociedades pós-coloniais, mas também se volta para os efeitos simbólicos, que estas causam nas comunidades descentralizadas (colônias) no processo de intercâmbio histórico-cultural. Com base na teoria crítica e valendo-se de autores contemporâneos: Pierre Bourdieu (2005), Clifford Geertz (1997), Stuart Hall (2006), entre outros, o artigo propõe uma interpretação em relação à obra, "Nos han dado la tierra", publicada em 1953, pelo escritor mexicano, Juan Rulfo. O eixo central do estudo é discutir a relação de poder que há, dos dominantes em relação aos dominados, e os efeitos causados por esse sistema de apropriação do saber.

**PALAVRAS-CHAVE:** pós-colonialismo; méxico; literatura.

**ABSTRACT:** The theory post-colonial structure his gaze based on the culture of post-colonial societies, but also turns to the symbolic effects that cause these cultures in displaced communities (colonies) in the historical-cultural exchange process. Based on critical theory and drawing on contemporary authors: Pierre Bourdieu (2005), Clifford Geertz (1997), Stuart Hall (2006), among others, the article proposes an interpretation in relation to the work, "Nos han dado la tierra", published in 1953 by the Mexican writer Juan Rulfo. The central focus of the study is to discuss the relationship of power that there is, from dominant to dominated, and the effects caused by this system of knowledge acquisition.

**KEYWORDS:** post-colonialis; mexico; literature.

## INTRODUÇÃO

Os estudos pós-coloniais se apresentam na contemporaneidade estabelecendo uma análise reflexiva em relação aos questionamentos que estão à margem, como: dominantes e dominados; colonizador/colonizado; centro/periferia. Estudos que foram difundidos pelo colonialismo e pela expansão mundial do capitalismo. Os estudos pós-coloniais apresentam perspectivas fundamentadas nos conflitos da sociedade pós-moderna para a compreensão e

---

<sup>1</sup> Doutorando em Letras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE/PR; Mestre em Letras e Graduado em Letras/Português e Espanhol pela mesma instituição (UNIOESTE/PR). Bolsista CNPq. E-mail: [jobliteratura@hotmail.com](mailto:jobliteratura@hotmail.com)

<sup>2</sup> Graduando em Ciências Sociais pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE/PR; Bolsista PIBID.

crítica tanto do sujeito contemporâneo como do processo de formação de um sistema desigual. Dessa forma, busca-se investigar: a posição do “centro” atuando como dominante e explorador, que passa a excluir as “periferias”, que são progressivamente dominadas e desfavorecidas. No conto de Juan Rulfo, “Nos han dado la tierra” que compõe a obra “Pedro Páramo”, o centro é abordado pelas terras produtivas que o governo se apoderou e a periferia passa a ser o Llano – uma terra descentralizada e de péssima qualidade para produção agrícola. Assim, sem obter fonte de renda os homens do Vale ficam a mercê do poder exercido pelo governo. Esses elementos se encontram entrelaçados pelas lacunas capitalistas, que alimentam a hierarquia superiores/inferiores constituída pela conjuntura social.

A escritura, ou melhor, a reescritura dos estudos que se encontram à margem do cânone ou na “periferia” da História, se configuram num constante questionamento em relação à hegemonia ocidental. Dessa forma, se constrói novos estudos a partir do subalterno, uma reavaliação dos valores do cânone cultural, isto é, o des-centramento proposto pelo pós-colonialismo.

O elemento norteador da crítica pós-colonial está ancorado numa perspectiva de investigação, das relações que ocorrem entre as epistemes ocidentais com os valores ideológicos da expansão capitalista. Partindo dos pressupostos de Bourdieu (2005), Marx (2008), Geertz (1997), Hall (2006), entre outros, o artigo apresenta uma análise da obra “Nos han dado la tierra” refletindo sobre o saber local – um conhecimento cultural de uma determinada localidade que constitui a identidade do sujeito, termo adotado pelo antropólogo Geertz (1997) e as relações de poder que ocorrem entre o governo e os moradores do Llano

## **O PODER SIMBÓLICO E OS HOMENS DO LLANO**

De acordo com Pierre Bourdieu (2005), considera-se ao abordar as posições de classes e as disputas por capital social, o desenvolvimento de regras de organização, que auxiliam na compreensão da estrutura social. Valendo-se da obra “Nos han dado la tierra”, as manifestações econômicas são ampliadas pela percepção simbólica, pela exteriorização do poder, pela ostentação de produtos de consumo, que corroboram na transformação dos bens em signos. Dessa forma, ocorrem às distinções em significantes, privilegiando, a forma de ação e exposição dos objetos em si, como a linguagem, a pronúncia, o bom gosto e a cultura.

A constituição do poder não se explica por si só, ela configura símbolos, que expressam uma posição social, segundo a lógica da distinção, ou seja, representando os valores, que manifestam a posição daquele indivíduo dentro de uma estrutura social. Por esta razão, ao

analisar o conto do mexicano Juan Rulfo “Nos han dado la tierra”, depreende-se, uma posição de classes, que são caracterizadas pelas terras que cada grupo obtém.

A imagem de colonizados/dominados se constitui por quatro personagens: Melitón, Faustino, Esteban e o narrador-personagem – um grupo de homens que partem de suas terras para buscarem um local de solo fértil, isto é, onde possam ter fonte de renda e base familiar. O grupo abandona sua terra, não por vontade, mas por necessidade de sobrevivência. O trecho a seguir exemplifica essa ideia, “No, el Llano no es cosa que sirva. No hay ni conejos ni pájaros. No hay nada. A no ser unos cuantos huizaches trespeleques y una que otra manchita de zacate con las hojas enroscadas; a no ser eso, no hay nada. Y por aquí vamos nosotros. Los cuatro a pie”. (RULFO, 1953, p.27). As terras recebidas pelos homens do governo são apontadas por eles, como um lugar onde nada serve, nada nasce, portanto “no hay nada” – como expressa o personagem.

Pode-se observar no conto, o poder do colonizador sobre o colonizado. Os homens do Llano são os dominados, são sujeitos submissos aos dominantes. Eles receberam as piores terras, como é descrito no trecho,

Vuelvo hacia todos lados y miro el Llano. Tanta y tamaña tierra para nada. Se le resbalan a uno los ojos al no encontrar cosa que los detenga. Sólo unas cuantas lagartijas salen a asomar la cabeza por encima de sus agujeros, y luego que sienten la tatemá del sol corren a esconderse en la sombrita de una piedra. Pero nosotros, cuando tengamos que trabajar aquí, ¿qué haremos para enfriarnos del sol eh? Porque a nosotros nos dieron esta costra de tepetate para que la sembráramos (RULFO,1953, p.28).

Os personagens ocupam a posição de inferiores diante dos colonizadores – grupo superior. Para Bourdieu (2005), as estruturas econômicas podem determinar as condições e posições dos indivíduos da sociedade, influenciando ou determinando, a estrutura das relações simbólicas que se organizam nos termos de uma lógica de relações econômicas. Dessa forma, como a condição dos homens do Llano era de sujeitos do campo, eles passam a ocupar uma posição subalterna, tendo que se submeter às ordens dos dominantes.

Bourdieu (2005) segue uma perspectiva, onde os dominados estão sujeitos a essa dominação sem ter a consciência da exploração que sofrem. De acordo com o sociólogo, os detentores do conhecimento ignoram a classe proletária projetando seu próprio “habitus” sobre eles. A classe dominante apresentada no conto, por mais que se constituísse superior, era também levada a compreender os anseios das classes oprimidas, pois implementavam nestas, as

necessidades que a eles eram imprescindíveis (acesso a moradia, alimentação, emprego, renda, educação, etc.).

O proletário é apresentado nas teorias de Bourdieu (2005), como um agente social, um sujeito conformista, um ser adaptado ao seu meio. Dessa forma, se posiciona de forma inferior configurando uma visão da intelectualidade sobre estes, partindo de um olhar carregado de valores da própria classe dominante.

Em relação ao poder simbólico discorre o autor,

O poder simbólico é um poder de construção da realidade, que tende a estabelecer uma ordem gnosiológica: o sentido imediato do mundo (e, em particular, do mundo social) supões aquilo a que Durkheim chama o conformismo lógico, quer dizer, “uma concepção homogênea do tempo, do espaço, do número, da causa, que torna possível a concordância entre as inteligências (BOURDIEU, 2003, p.09).

O poder simbólico constrói a realidade e estabelece uma ordem gnosiológica<sup>3</sup>. Partindo de Bourdieu (2003), os homens aceitam as terras recebidas, pois se consideravam desfavorecidos, pela condição precária na qual viviam, sem renda, sem estudo, sem *status* – emaranhados em uma estrutura simbólica, que os constituíam como sujeitos subornados pelos que detinham o poder.

Segundo o sociólogo francês, o *habitus* seria um sistema de disposições da vida prática, ou seja, são regras e comportamentos assimilados desde que se nasce. Assim são apreendidos na escola e na família, e estas regras, vão desde o modo de se portar em distintas ocasiões até a base da constituição da moral do indivíduo. O *habitus* seria então um comportamento regulado às exigências das instituições culturalmente hegemônicas do sistema capitalista.

Para Pereira (1981), um grupo de status é considerado uma subdivisão de classe, e não uma alternativa a ela. Essa subdivisão das classes se constitui por uma pirâmide hierárquica, composta pela classe dominante e pela classe dominada. Classes sociais são compreendidas pelo autor, a partir da teoria marxista, como grandes grupos sociais definidos por sua participação nas principais relações de produção dentro de um sistema econômico e social particular.

As personagens protagonistas do conto são configuradas por uma classe dominada, e assim, são silenciadas e anuladas como sujeitos ativos na sociedade. Melitón e os três homens são impedidos de argumentar, uma vez que o poder da palavra é considerado uma “arma” de

---

<sup>3</sup> É apresentada como a teoria geral do conhecimento, na qual se reflete sobre a concordância do pensamento entre homem e objeto. Nesse caso, o objeto é algo exterior ao espírito, uma ideia, um fenômeno, um conceito, mas compreendido de forma consciente pelo sujeito.

domínio para quem a detêm. E como eles são representados como a classe dominada – a palavra torna-se inexistente ou incompreensível, como aponta o trecho da obra,

Nos dijeron: —Del pueblo para acá es de ustedes. Nosotros preguntamos —¿El Llano — Sí, el Llano. Todo el Llano Grande. Nosotros paramos la jeta para decir que el Llano no lo queríamos. Que queríamos lo que estaba junto al río. Del río para allá, por las vegas, donde están esos árboles llamados casuarinas y las paraneras y la tierra buena. No este duro pellejo de vaca que se llama el Llano. Pero no nos dejaron decir nuestras cosas (RULFO, 1953, p. 28).

As terras foram dadas aos homens, sem opção de escolha, sem justificativa, ou seja, ficaram com a terra árida, dura como o pêlo de uma vaca – como aponta as personagens do conto. Como “sobras” da classe dominante, o Llano foi dado aos homens, não como uma partilha justa de poder ou um ato de generosidade, mas como aquilo que cabia aos dominados receberem. Por esta razão, foram impedidos de se expressar, pois bom “servo” é aquele que obedece e que acata sem questionar.

A imagem do delegado surge no conto, como a representação do capital simbólico, isto é, configura superioridade, poder, a voz que se impõe sobre os homens do Llano,

Pero, señor delegado, la tierra está deslavada, dura. No creemos que el arado se entierre en esa como cantera que es la tierra del Llano. Habría que hacer agujeros con el azadón para sembrar la semilla y ni aun así es positivo que nazca nada; ni maíz ni nada nacerá. —Eso manifiésteno por escrito. Y ahora váyanse (RULFO, 1953, p. 28).

O trecho revela a superioridade do delegado sobre os indivíduos. Um domínio que se dá pelos signos configuradores de poder e autoridade. Sentidos, que constituem uma imagem de soberania e força diante dos sujeitos oprimidos do Llano. O *capital simbólico*, não é de imediato perceptível, é uma forma de poder relacionada às propriedades óticas – aquilo que é visto e, crédulas – aquilo que se acredita, ou seja, é uma medida de prestígio e de grandeza atribuídas a um sujeito ou a uma instituição em determinado campo, por exemplo, na obra, o poder é atribuído ao delegado. O capital simbólico se manifesta de uma forma quase imperceptível, que permite um sujeito/instituição se deleitar de uma posição de proeminência diante dos outros – o que justifica a forma prepotente da personagem tratar os homens.

Considera-se, o *capital simbólico*, segundo Bourdieu (2003), uma propriedade na qual, a posse permite uma valorização imediata de poder, assim o dominante dessa posse se sobrepõe aos demais numa determinada esfera. O *capital simbólico* é o instrumento principal de hierarquia social e econômica, isto é, ao se impor sobre aqueles que não o têm ou para aqueles que possuem

em quantidades inferiores em uma dada esfera. Para o autor, “O exército, o clero, a função pública e a propriedade de terras são geralmente setores que os grupos de status dominantes reservam para si mesmos” (TOENNIES, 1996, p.169). Observa-se na obra, dois setores que configuram o poder, o delegado – como função pública e as propriedades de terras.

Os grupos colonizadores tem conhecimento do seu poder e o exercem, por meio, do controle dos meios de produção e dos aparelhos de repressão. Esse poder também se manifesta pela hegemonia ideológica, uma vez que os grupos dominados em grande maioria não o questionam e não buscam informações. Na obra de Rulfo, destaca-se, o medo e a obediência dos homens diante do governo e do delegado, primeiramente pelo controle das terras que o governo exerce, segundo pelo aparelho repressor que o delegado executa, e por fim, a ideologia de sujeitos submissos e inferiores contidas em sua condição de homens do campo.

— Espérenos usted, señor delegado. Nosotros no hemos dicho nada contra el Centro. Todo es contra el Llano... No se puede contra lo que no se puede. Eso es lo que hemos dicho... Espérenos usted para explicarle. Mire, vamos a comenzar por donde íbamos... Pero él no nos quiso oír (RULFO, 1953, p. 29).

Os homens dizem que estão contra o Llano, e não, contra o governo, dessa forma, eles se expressam receosos e amedrontados, pois se veem menores diante do poder simbólico exercido pelos dominantes. Segundo Bordieu (2003), o *capital simbólico*, enquanto elemento indicador de prestígio pode ser convertido em determinada circunstância em *capital cultural* ou econômico, na medida em que o acesso a estas outras formas de capital ocorrem de maneira facultativa por aquele que o detém.

Pode-se, dizer, que os sujeitos do Llano não detém o chamado *capital cultural*, isto é, uma riqueza simbólica distribuída desproporcionalmente dentro de cada área do conhecimento. Este capital é passado de geração em geração e se acumula ao longo do tempo, quem o adquire, tem mais oportunidades de obter poder e ter mais valor na sociedade. O *capital cultural* pode ser dividido em três estados: Objetivado – aqueles que são de bens, como por exemplo, livros, esculturas, pinturas, teatro, etc; Institucionalizado – a concretização da propriedade cultural, como, por exemplo, o diploma. E o estado incorporado – aquele onde o indivíduo constrói seu conhecimento e pode ser concebido de duas formas: 1) a partir da formação intelectual e cultural, que o sujeito constrói ou herda da família. 2) e por último, de forma sistematizada pela instituição escolar, onde o indivíduo teria que se adaptar às condições impostas pela classe dominante.

O *capital cultural* é abordado na obra a partir do poder da palavra do delegado sobre os indivíduos do Llano. Os quatro sujeitos receberam terras, que foram concedidas pelo governo,

mas são propriedades improdutivas e secas, onde não há forma de sustentação. O trabalho produtivo é considerado uma atividade que produz maior valia.

Trabalho produtivo, em termos de produção capitalista, é aquele trabalho assalariado que, trocado contra a parcela variável do capital, reproduz não apenas esta parcela de capital (ou o valor de sua própria força de trabalho) mas, além disso, produz mais-valia para o capitalista. Apenas esse trabalho assalariado que produz capital é considerado produtivo (MARX, 2008, p.152).

Assim, os homens partem de seu local em busca de um trabalho produtivo. O que retrata uma classe dominada, embora almeje sua independência econômica e ideológica. Eles querem deixar de serem “inúteis” para se tornar indivíduos ativos. Observa-se, no trecho do conto, “El calor, que le ha traspasado el sombrero y le ha calentado la cabeza. Y si no, ¿por qué dice lo que dice? ¿Cuál tierra nos ha dado, Melitón? Aquí no hay ni la tantita que necesitaría el viento para jugar a los remolinos” (RULFO, 1953, p. 29). As terras que os sujeitos receberam são tão secas, que nem o vento consegue fazer redemoinhos, o que se remete ao sertão de Guimarães Rosa – um cenário melancólico, desolador, onde a existência ganha traços sublimes.

## **O SABER LOCAL DOS HOMENS DO LLANO**

Partindo de uma leitura sociológica em relação à comunidade do Llano, pode-se compreender que Melitón e os três companheiros são rebaixados à condição de seres inferiores, que constitui uma classe dominada, isto é, silenciada no deserto do Llano. Suas aspirações, ideias e experiências são ignoradas e passam a ser excluídas pelos colonizadores. Assim, o meio em que habitam não é valorizado e o saber que possuem é negado, como aponta o trecho, “Habría que hacer agujeros con el azadón para sembrar la semilla y ni aun así es positivo que nazca nada; ni maíz ni nada nacerá. – Eso manifiésteno por escrito. Y ahora váyanse. Es al latifúndio al que tienen que atacar, no al Gobierno que les da la tierra” (RULFO, 1953, p. 29). O delegado pede para que os homens façam a reclamação por escrito, pois tem conhecimento da ausência de letramento dos sujeitos.

Para Gerteez, os saberes locais se manifestam, “através de uma série de formas simbólicas facilmente observáveis, um repertório elaborado de designações” (1997, p. 95). Segundo o autor, o mundo é configurado por indivíduos que constroem suas formações culturais. Essas formações constituem cada ser e a forma de vida e de interação de cada grupo. Considera-se, de acordo com Gerteez (1997), as línguas, as leis, a economia, a moral, a política, os mitos, as crenças, as artes, a literatura, o imaginário, entre outros, como fontes de uma localidade, de uma identidade cultural.

Estas construções de sujeitos ou grupos se remetem a um determinado lugar, a uma comunidade, e se desenvolvem a luz da cultura local, isto é, do saber local. Um saber, que não se restringe somente às formas de saberes nativos, mas transcende para todas as formas de saberes, que nascem e se entrecem nas comunidades.

Os indivíduos do Llano constituíam um valioso saber. Eram sujeitos que lidavam com a agricultura, ou melhor, com a sobrevivência em meio à seca. Eram resistentes ao sol e ao calor, possuíam um conhecimento das terras e da vida campina.

Lleva puesto un gabán que le llega al ombligo, y debajo del gabán saca la cabeza algo así como una gallina. Sí, es una gallina colorada la que lleva Esteban debajo del gabán. Se le ven los ojos dormidos y el pico abierto como si bostezara. Yo le pregunto: - Oye, Teban, ¿dónde pepenaste esa gallina? - Es la mía dice él. - No la traías antes. ¿Dónde la mercaste, eh? - No la merque, es la gallina de mi corral. - Entonces te la trajiste de bastimento, ¿no? - No, la traigo para cuidarla. Mi casa se quedó sola y sin nadie para que le diera de comer; por eso me la traje. Siempre que salgo lejos cargo con ella (RULFO, 1953, p. 30).

Esteban carrega pela estrada uma galinha, pela qual demonstra certa estima. O animal poderia ser elemento de consumo, já que para muitas culturas, as aves são comuns nas refeições dos indivíduos. Porém, para cultura do Llano, a galinha é vista como um animal doméstico, pois Esteban poderia levar um cachorro em sua travessia, mas opta por carregar uma galinha em todas as suas viagens, como se observa no trecho.

A partir do texto *O saber local* de Clifford Geertz, os saberes locais compõem à cultura e à vida dos indivíduos. Dessa forma, resultam de informações contidas em determinados grupos humanos e orientam para a compreensão de um estilo de vida quotidiana. As personagens do conto se inserem em um determinado grupo, constituem o seu próprio padrão de vida, com costumes – como o de cuidar de uma galinha, crenças e hábitos, que são ignorados pelo grupo dominante.

Os saberes locais estão na base da identidade humana e do meio, no qual vive. Eles são estruturados e concretizados pelas comunidades para sua transmissão no decorrer dos anos. “Por encima del río, sobre las copas verdes de las casuarinas, vuelan parvadas de chachalacas verdes. Eso también es lo que nos gusta” (RULFO, 1953, p. 31). Os sujeitos do Llano apreciavam as aves e os animais, como se expressa no fragmento, mas receberam terras secas, onde não habitava nenhuma espécie de animal, a não ser aqueles capturados em outras regiões. Os dominantes não levaram em consideração o saber local dos homens, e sim, sua inferioridade e desconhecimento, para que pudessem dominá-los.

Para o antropólogo em seus estudos sobre cultura, “somente um nativo faz a interpretação em primeira mão: é a sua cultura” (GEERTZ, 1989, p. 13). O estrangeiro enxerga o nativo à maneira que o convêm. Assim, o saber local, torna-se irreconhecível pelo Outro, pois para conhecê-lo, é preciso colocar-se numa posição igualitária, de transmissão e recepção. O que não ocorre na obra de Rulfo, pois o grupo colonizador, não se dispôs a conhecer a cultura local do Llano. Se impuseram sobre os sujeitos, afirmando seu poder e instaurando o seu domínio. Para Stuart Hall, em relação ao sujeito social,

A noção de sujeito sociológico refletia a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que este núcleo interior do sujeito não era autônomo e auto-suficiente, mas era formado na relação com "outras pessoas importantes para ele", que mediavam para o sujeito os valores, sentidos e símbolos — a cultura — dos mundos que ele/ela habitava (HALL, 2006, p. 12).

O que se observa na obra de Rulfo, é um desentendimento entre os homens do Llano – o delegado – e o governo. Na verdade, uma resistência dos colonizadores, em compreender, os indivíduos do local. Não há um sujeito reflexivo por parte da imagem do governo e do delegado, o que se há, é uma apropriação do poder e seu uso de forma abusiva. Dessa forma, partindo de Hall, entende-se, que essa interação entre os sujeitos do Llano e o governo não ocorreu, pois para o grupo dominante, esse diálogo, era desnecessário.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao findar desse artigo se compreende que a perspectiva pós-colonialista abordada para o estudo do conto de Juan Rulfo, apresenta contribuições sociológicas para o entendimento do homem – fruto da exclusão social e cultural que a hegemonia capitalista exerce na sociedade. O *capital simbólico* conceito abordado por Pierre Bourdieu (2003) contribui para refletir as formas de poder exercidas pelo homem no sistema social, além de contribuir para a análise dos mecanismos de dominação do governo e do delegado que se apresentam no conto.

Partindo de Geertz (1989), entende-se que o homem é indissociável das suas práticas sociais, dessa forma é necessário compreendê-lo e interpretá-lo a partir da sua identidade cultural. O ser humano não se constitui em sua existência como sujeito isolado, não evolui sem contato com o outro, pois está nessa interação à prática de convívio social e de aprendizado, sendo assim, não importa a classe, a etnia e a localidade onde viva, o seu papel como ser interativo é fundamental para sociedade. No conto, “Nos han dado la tierra”, o governo e o delegado tentam

isolar os homens do Llano, dessa forma ignorando sua cultura e o seu saber, mais que isso, se impõe sobre os sujeitos impedindo sua condição essencial de interação.

### REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2003.

\_\_\_\_\_. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

GEERTZ, Clifford. *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. Petrópolis: Vozes, 1997.

\_\_\_\_\_. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

HALL, Stuart. *Da diáspora*. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

PEREIRA, Luiz Carlos. *Classes e estratos sociais: no capitalismo contemporâneo*. São Paulo: FGV, 1981.

MARX, ENGELS, Karl, Friederich. *O manifesto comunista*. São Paulo: Saraíva, 2008.

RULFO, Juan. *O llano en llamas*. Cidade del México: Fondo de Cultura Económica, 1953.

TOENNIES, Ferdinand. *Comunidade e Sociedade*. São Paulo: Edusp, 1996.

<b>Data de Recebimento: 20/08/2016   Data de Aprovação: 19/10/2016</b>
--